

BIANCHINI, Flávia. A origem da civilização indiana no vale do Indo-Sarasvati: teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes. Pp. 57-108, in: GNERRE, Maria Lúcia Abaurre; POSSEBON, Fabrício (orgs.). *Cultura oriental: língua, filosofia e crença*. Vol. 1. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

A ORIGEM DA CIVILIZAÇÃO INDIANA NO VALE DO INDO-SARASVATI:

Teorias sobre a invasão ariana e suas críticas recentes

Flávia Bianchini
Especialista em Yoga – UNIBEM
Mestranda em Ciências das Religiões – UFPB
e-mail: flaviabianchini@gmail.com

INTRODUÇÃO

A cultura indiana é uma das mais antigas que conhecemos, tendo nos transmitido textos religiosos milenares como os *Vedas*. De onde proveio essa civilização? Teria se desenvolvido de forma relativamente autônoma dentro do espaço geográfico atualmente ocupado pelo povo indiano, ou teria vindo de fora?

Várias gerações de pesquisadores aderiram ao “modelo da invasão ariana”. De acordo com essa hipótese, já obsoleta, certas tribos asiáticas, que falavam um idioma semelhante ao sânscrito e que compuseram os *Vedas*, teriam invadido a Índia aproximadamente entre 1.500 e 2.000 a.C. e supostamente teriam destruído ou expulsado a população nativa dravídica. Esta teoria foi defendida no final do século XIX e início do século XX por vários autores europeus, tendo adquirido um caráter dogmático e sendo reproduzida ainda hoje em quase todos os livros que tratam sobre Yoga, pensamento oriental ou história da Índia. A teoria da invasão ariana foi posta em xeque na década de 1920, quando foram descobertas as ruínas de duas cidades muito antigas, Harappa e Mohenjo-Daro; entretanto ao invés de se reavaliar as teorias sobre a origem dos arianos védicos, a maioria dos pesquisadores apenas mudou a data da suposta invasão, recuando-a alguns séculos.

Atualmente, é grande a quantidade de indícios contrários a essa teoria, mas ela se difundiu e fixou de tal forma, que pouco se discute sobre o assunto, prevalecendo essa visão, já ultrapassada. No presente texto pretendemos apresentar novas pesquisas que estão sendo realizadas neste campo, que infelizmente não estão sendo muito divulgadas aqui no Brasil. Iremos apresentar as informações sobre escavações arqueológicas de “novas” cidades, ainda mais antigas do que as cidades tradicionalmente abordadas – Harappa e Mohenjo-Daro. Pretendemos assim, apresentar novas descobertas arqueológicas e outros indícios que refutam o “modelo de invasão ariana”, de modo a contribuir para a compreensão da gênese do pensamento indiano.

Primeiramente vamos abordar o que tradicionalmente foi exposto sobre o “modelo de invasão ariana”, de modo que o leitor possa ter uma visão do que já se divulgou e discutiu a respeito deste tema. Em seguida, apresentaremos o que vem sendo apresentado por diversos pesquisadores, nos últimos vinte anos, sobre novas descobertas arqueológicas de antigas cidades do vale dos rios Indo e Sarasvati, bem como discussões realizadas sobre as informações contidas nos *Vedas*. Ao final apresentaremos aquilo que seria uma possível versão das origens da civilização indiana Índia – mas apenas uma tentativa de compreensão, visto que:

Ao olhar para o passado remoto precisamos estar preparados para conviver com certo grau de incerteza. Muitas coisas nunca serão conhecidas com certeza. Outras serão interpretadas erroneamente e talvez corrigidas posteriormente. De certo modo, toda reconstrução histórica é uma simplificação, e tudo o que podemos fazer é nos precaver contra simplificações exageradas e grosseiras. (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 59)

OS INDO-EUROPEUS

Nos séculos XVIII e XIX proliferou por toda Europa o que podemos chamar de “orientalismo”. Orientalista é a denominação dada aos pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, que se debruçaram sobre o estudo dos povos e culturas orientais mais diversos. Foi um período de expansão do domínio colonial europeu, sobre as mais distantes regiões do planeta. Os estudos que se iniciaram para facilitar a expansão do domínio colonial acabaram por desenvolver largamente os mais diversos campos de pesquisa na área da biologia, geografia, história, linguística, entre outros, por meio dos estudos destas culturas tão diversas e diferentes das existentes na Europa. E deste modo daí resultaram, entre outras coisas, pesquisas sobre botânica, matemática, linguística, cultura, direito, geografia e história do subcontinente indiano.

Um dos primeiros europeus a adquirir um conhecimento detalhado do idioma clássico da Índia – o sânscrito – foi Sir William Jones (1746-1794), juiz da Suprema Corte de Bengala a partir de 1783. Ele foi um dos fundadores da *Asiatic Society of Bengal*, que teve enorme importância para o estudo da cultura indiana. Era um especialista do persa, havendo publicado uma gramática desse idioma que teve várias reedições, além de profundo conhecedor do árabe, do grego e do latim (CANNON, 1991, pp. 23-24). Um dos seus objetivos ao estudar o sânscrito era traduzir o Código de Manu (*Manava-Dharmashastra*), uma obra indiana que contém aspectos jurídicos e que por isso tinha interesse para os juizes britânicos na Índia. No entanto, ao se aprofundar naquele idioma, chegou a conclusões chocantes para os europeus: o sânscrito, falado por um povo supostamente selvagem, com cultura e religião tão diferentes das europeias, estava relacionado linguisticamente aos idiomas ocidentais; e Jones considerava esse idioma superior aos demais (CANNON, 1991, p. 30). Em

um famoso discurso pronunciado em 1786 ele assim se exprimiu:

A linguagem *Sânscrita*, seja qual for sua antiguidade, tem uma estrutura maravilhosa; mais perfeita do que o *Grego*, mais copiosa do que o *Latim*, e mais refinada de forma detalhada do que ambas e, no entanto, mantendo com as duas uma afinidade mais forte, tanto nas raízes dos verbos quanto nas formas gramaticais, do que poderia ter sido produzido por acidente; tão forte, realmente, que nenhum filólogo poderia examinar todas as três sem acreditar que elas surgiram de alguma fonte comum, a qual, talvez, não exista mais. Há uma razão semelhante, embora não tão forte, para supor que tanto o *Gótico* quando o *Celta*, embora fundidos com um idioma muito diferente, tiveram a mesma origem que o *Sânscrito*; e o antigo *Persa* poderia ser adicionado à mesma família, se este fosse o lugar para discutir qualquer questão relativa às antiguidades da *Pérsia*. (JONES, 1801, pp. 422-423)

Muito antes de William Jones, outros autores haviam comentado sobre a semelhança entre alguns termos do sânscrito e o de outros idiomas, como Filippo Sassetti em 1588 (MÜLLER, 1866, vol. 1, p. 174). Em 1767 o padre jesuíta francês Gaston-Laurent Coeurdoux escreveu uma carta (publicada algumas décadas depois) na qual comentava sobre as semelhanças de vocabulário entre o sânscrito, o latim e o grego, assim como algumas analogias gramaticais. Depois de examinar várias hipóteses sobre a causa dessas semelhanças, o padre Coeurdoux concluiu que elas provinham de um idioma primitivo da humanidade, preservado por diferentes tribos que

se dispersaram depois da grande catástrofe, descrita na Bíblia, da confusão das línguas em Babel (MÜLLER, 1866, vol. 1, pp. 175-176).

Estimulados pelas análises de William Jones, diversos autores começaram a procurar uma origem comum do sânscrito, do grego, do latim e de outros idiomas (RENFREW, 1990, pp. 17-18). Friedrich Schlegel desenvolveu a tese que identificava o próprio sânscrito como a língua mãe de todos os idiomas. Esse grupo de idiomas começou a ser considerado como uma “família”, recebendo em 1813 o nome de grupo indo-europeu, em um artigo publicado por Thomas Young. Havia outras propostas de designação do grupo, como “indo-germânico”, “sanscítico”, “indocelta” e “arioeuropeu”, mas a designação “indo-europeu” acabou por se firmar, sendo adotada por Franz Bopp na década de 1830 e popularizando-se a partir de então (QUILES, LÓPEZ-MENCHERO, 2011, pp. 50-51).

No entanto, esse termo começou a assumir outros significados: além de uma família de idiomas, passou a ser utilizado por certos autores como nome de um idioma desconhecido, o proto-idioma do qual teriam se originado as várias línguas indo-europeias atualmente conhecidas; e outros pesquisadores começaram a utilizar “indo-europeu” como nome do povo desconhecido que falava esse idioma. Em 1861, Friedrich Max Müller passou a utilizar o termo “ariano” para designar tanto o proto-idioma quanto a raça humana a partir da qual teriam se originado os indianos, persas, romanos, gregos, germânicos, celtas e eslavos. Assim, um estudo que era inicialmente apenas linguístico acabou resultando em concepções de outro tipo, sobre raças e povos, com uma conotação étnica que não existia inicialmente.

A partir de estudos linguísticos e arqueológicos, começou no século XIX uma busca acerca de um povo e de uma língua desconhecidos; um povo cujas origens remontariam pelo menos à Idade do Cobre e início da Idade do Bronze ou,

como afirma Mircea Eliade: “Seja como for, é certo que as origens da cultura indo-européia mergulham no neolítico, talvez até no mesolítico” (ELIADE, 2010, p. 185).

Por meio de tais estudos, tentou-se reconstruir o que seriam seus traços sociais, culturais e religiosos. Pressupõe-se que os indo-europeus se estruturariam numa sociedade patrilinear, que eram provavelmente semi-nômades, apoiados economicamente na pecuária, que praticavam uma religião politeísta centralizada em ritos de sacrifício, que fabricavam ferramentas e armas, que usavam a roda e o carro de boi e se organizavam em classes (clerical, guerreira e camponesa). Os indo-europeus ou arianos, aparecem ainda descritos como de raça branca e estatura elevada, não possuindo inicialmente a escrita, mas tendo depois desenvolvido a escrita cuneiforme (gravada em pedra). Segundo Eliade, os indo-europeus não erguiam santuários e provavelmente realizavam e celebravam culto em um espaço consagrado ao ar livre (ELIADE, 2010, p. 187). Há muitas hipóteses diferentes sobre o local geográfico onde teria vivido esse povo primordial. A maioria dos autores propõe alguma localização nas estepes da Ásia central ou ocidental, ou da Europa oriental. Chegou-se a definir a terra natal dos proto-indo-europeus como sendo a região nordeste do mar Negro, mas não há acordo sobre isso.

De acordo com Colin Renfrew, famoso linguista, o lar original dos proto-indo-europeus era a Anatólia (atual Turquia), de onde depois se espalharam para o norte, o oeste, e o leste. [...] considera-se muito provável que já houvesse comunidades de proto-indo-europeus estabelecidos na Eurásia por volta de 4.500 a.C. ou ainda antes. Depois disso, os vários dialetos cristalizaram-se em línguas autônomas, entre as quais o sânscrito védico. De acordo com Renfrew e outros, em 3.000

a.C. ou em época ainda anterior as línguas européias e seus dialetos já eram falados em toda a Europa; além disso, a presença indo-européia continuou forte na Anatólia, como prova a pujança do império Hitita de 2.200 a.C. (FEUERSTEIN, 1998, p. 139)

OS ARIANOS

O povo indiano que nos transmitiu os *Vedas* denominava-se a si próprio como *ārya* – uma palavra sânscrita que significa nobre ou culto (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 46). Friedrich Max Müller já sabia, em meados do século XIX, que o termo sânscrito “*ārya*” significava nobre, ou de uma boa família. No entanto, considerava que seu significado original era o de uma nação ou povo, cujos inimigos eram um outro povo denominado “*dasyus*” (MÜLLER, 1866, vol. 1, p. 266). Ele também chamou a atenção para textos indianos que associam a palavra “*ārya*” às três castas superiores (*brahmanas*, *kshatriyas* e *vaishyas*) e não à quarta casta, dos serviçais ou *shudras* (*ibid.*, p. 267). Max Müller acreditava que a palavra *ārya* significava etimologicamente aquele que ara ou cultiva a terra, estando associada à mesma raiz que a palavra “*arar*” (*ibid.*, p. 268). Uma palavra semelhante aparece no antigo *Zend-Avesta* da Pérsia, no qual “*airya*” significa venerável e é também uma designação do povo (*ibid.*, p. 269). Müller procurou mostrar que a mesma palavra era utilizada também por povos europeus, concluindo:

Como a filologia comparativa rastreou assim o antigo nome de *Ārya* da Índia até a Europa, como o título original assumido pelos Arianos antes de deixarem seu lar comum, é bastante natural que seja escolhido como termo técnico para a

família de linguagens que foi designada anteriormente como indo-germânica, indo-européia, caucasiana ou japhética. (MÜLLER, 1866, vol. 1, p. 280)

Além de Max Müller, Honoré Joseph Chavée (em 1867), usou o termo *aryaque* associado aos povos indo-iranianos; Graziadio Isaia Ascoli (em 1854) usou *arioeuropeo* (o composto “Ariano-Europeu”). Por todo o século XIX, o uso da palavra “ariano” como sinônimo de indo-europeu difundiu-se nos meios acadêmicos. No entanto, às vezes o termo *ariano* ou *ária* é usado em um significado mais restrito, referindo-se aos antigos povos da Pérsia e Índia, ou ao povo primitivo desconhecido, supostamente originado das estepes da Ásia Central, do qual se originaram os povos da Pérsia e da Índia. Segundo os pesquisadores, elementos pertencentes à religião dos persas são encontrados também nos textos védicos antigos, indicando uma influência da primeira sobre os *Vedas*. A sua cultura (dos arianos) teria ficado particularmente expressa nos *Vedas* e, principalmente, no *Rigveda*, considerado como o mais antigo, e por isso o pensamento védico (contido nos *Vedas*) é também chamado de indo-ariano.

Os *Vedas* não têm uma data precisa conhecida. A primeira tentativa de datá-los foi feita por Max Müller, no século XIX. Ele tomou como ponto de partida a suposição de que os textos sânscritos chamados “*sutras*” existiam na época de surgimento do Budismo, em torno de 600 a.C. Supôs, então, que cada um dos grupos de textos indianos anteriores a esses (os *Aranyakas*, *Brahmanas* e os *Vedas*) tivesse sido escrito com intervalos de 200 anos; assim, atribuiu a data de 1.200 a.C. aos *Vedas* (Lal, 2005, pp. 50-51). Müller foi criticado por seus contemporâneos, e alegou depois que o intervalo de 200 anos entre os diversos tipos de literatura era um tempo *mínimo* e que, portanto, os *Vedas* teriam sido escritos *no mínimo* em torno de 1.200 a.C. Por fim, ele próprio comentou: “Se os

hinos dos *Vedas* foram compostos 1.000, 2.000 ou 3.000 anos antes de Cristo, nenhum poder na Terra jamais determinará” (Müller, *apud* Lal, 2005, p. 51). Apesar desses comentários do próprio Max Müller, a primeira datação que ele propôs para os *Vedas* passou a ser aceita pela maioria dos autores posteriores.

A “INVASÃO ARIANA”

Muitos estudiosos europeus, desde o século XIX, procuraram descobrir, por análises linguísticas, de onde teriam provindo os “arianos” que “invadiram” a Índia. Uma versão recente é apresentada por Mircea Eliade:

As tribos indo-arianas designavam-se por meio de um termo que significava “(homem) nobre”, *airya* em avéstico, *ârya* em sânscrito. Os árias tinham iniciado sua penetração no nordeste da Índia no começo do segundo milênio; quatro ou cinco séculos mais tarde, ocupavam a região dos “sete rios”, *sapta sindhavah*, isto é, a bacia do alto Indo, o Punjab. (Eliade, 2010, p. 191)

Os árias não tinham cidades e desconheciam a escrita. [...] No fim da época védica, aproximadamente, a organização da sociedade em quatro *varnas* está concluída. O termo *varna*, que designa as classes sociais, significa “cor”: indicação da multiplicidade étnica que esteve na origem da sociedade indiana. Os hinos revelam apenas certos aspectos da vida na época védica. A representação é antes de tudo sumária: os árias apreciam música e a dança: tocam flauta, alaúde e harpa. Apreciam as bebidas embriagantes, *soma* e *surâ* [...] Muitos são os hinos que

aludem ao conflito entre diferentes tribos arianas. (ELIADE, 2010, pp. 192-193)

Assim como Eliade, outros pesquisadores designam esse povo como “arianos védicos”, supondo-se que tenham levado os *Vedas*, língua e cultura ao subcontinente indiano. Ou, como disse Kupfer, seriam o grupo falante do sânscrito antigo, detentor do conhecimento dos *Vedas* (KUPFER, 2000, p. 92). Na Índia antiga, encontramos também o termo *Aryavarta*, que significa “residência dos Arianos”, que era usado para se referir ao norte do subcontinente. A língua védica teria evoluído, posteriormente, para o sânscrito e teria dado origem a todas as línguas faladas na Índia, com exceção do dravídico e do munda, que teriam outra fonte.

Além dos *Vedas* (textos mais antigos e importantes do hinduísmo), os grandes épicos indianos, o *Ramayana* e o *Mahabharata*, teriam sua origem neste período, a partir de uma tradição oral, e datariam também desse período a organização da sociedade indiana em quatro *varnas* (castas) por influência dos Indo-arianos, visto que se atribui também aos descendentes dos indo-europeus, enquanto fundadores da civilização indiana (após terem subjogado as populações locais) a origem do sistema de castas e, mais especificamente, das castas dominantes – os *brahmanas*, *kshatryas* e *vaishyas*.

Essa descrição para os acontecimentos históricos é semelhante em diversas obras de diferentes pesquisadores, apresentando apenas algumas poucas alterações.

Com relação à Índia, que é nosso foco presente, o modelo mais corrente defende que os Arianos Védicos entraram na Índia vindos do noroeste, através das passagens montanhosas do Afeganistão. Pinta-se a imagem de tribos bárbaras semi-nômades, em busca de novas terras de pastagem para seu gado precioso. Em sua busca de

riquezas, conta essa história, os Arianos louros e de olhos azuis eram tão rudes e sem piedade como os Hunos posteriores, conquistando e submetendo a população nativa da península indiana pela espada. Sedentos de sangue e com olhar selvagem, eles venceram e mataram seus oponentes, saquearam as vilas e cidades, queimaram os campos e devastaram as plantações. Nesse processo eles destruíram a ordem política e econômica que existia. Em ondas sucessivas ao longo de vários séculos, eles vieram se derramando das montanhas em cavalos velozes ou, de acordo com alguns relatos mais ousados, em carruagens puxadas por cavalos, surpreendendo seus inimigos com chuvas de flechas. Endurecidos por suas longas viagens pelas estepes do sul da Rússia e pelas difíceis passagens das montanhas, os Arianos ferozes e ignorantes chegaram à Índia ansiosos pela guerra. A agressividade inata dos Arianos, combinada com uma tecnologia militar superior de armas de ferro e carruagens, assegurou sua vitória total sobre uma população que estava despreparada para esse massacre. Mais do que qualquer outra coisa, os Arianos Védicos cobiçavam o gado dos indianos nativos, pois a riqueza pessoal era medida pelo tamanho do rebanho que um homem possuía.

Os Arianos olhavam com desprezo o inimigo conquistado, zombando de características como o nariz achatado e a pele escura da população nativa. Também ridicularizaram e rejeitaram a fala dos conquistados como bárbara, forçando-os a

aprender seu próprio sânscrito védico. Substituíram os sacerdotes existentes e seu panteão divino por seus próprios especialistas chamânicos e suas divindades. Os conquistados foram obrigados a ocupar a posição mais baixa – a dos shudras – na hierarquia social védica. Foram submetidos para realizar as tarefas que os Arianos consideravam muito desonrosas para si próprios. (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 53-54)

Diversos autores consideram a “invasão ariana” como um fato histórico, como Carlos Tinoco, que afirma que o subcontinente indiano, ao longo de sua história, sofreu várias invasões e que há na Índia atual remanescentes de todos os povos invasores. Dentre as invasões poderiam ser destacadas as seguintes, por ordem de antiguidade (TINOCO, 1992, p. 21):

INVASOR	DATA PROVÁVEL	REGIÃO OCUPADA	PROCEDÊNCIA
Mundas	?	Decan	-
Dravidianos	5.000 a.C.	Norte e Leste	-
Arianos	2.000 a.C.	Oeste, Norte	Sul da Rússia (?)
Persas	512 a.C.	Punjabe	Pérsia
Gregos	325 a.C.	Bactriana, Punjabe	Grécia
Partas	150 a.C.	-	-
Hunos	415 d.C.	-	Sul da Rússia
Muçulmanos	1.000 d.C.	Noroeste	Atual Paquistão
Mongóis	1.505 d.C.	Noroeste	Mongólia
Inglêses	1.615 d.C.	Toda a Índia	Inglaterra

Tinoco diz que “o período histórico na Índia tem início com a invasão das tribos arianas [...]. Provavelmente penetraram na Índia através da Pérsia (Irã), chegando até o Rio Ganges e ao Decan. No Rig Veda há referências a um combate

entre os arianos e um povo de pele negra e baixa estatura, provavelmente os dravidianos” (TINOCO, 1992, pp. 24-25).

Os pesquisadores propõem datas diferentes para o que veio a ser denominado por “invasão ariana”. Até o início do século XX supunha-se que por volta de 1.200 ou 1.500 a.C. (ou seja, uma data próxima à época em que os *Vedas* teriam sido compostos, segundo Max Müller), povos arianos teriam invadido a Índia pelo noroeste, tendo ocupado primeiramente o vale do rio Indo (região que fica atualmente, em parte, no Paquistão, e em parte no Punjabe indiano). Teriam vindo do sul da Rússia, caminhando em levadas sucessivas, que primeiro habitaram a antiga Pérsia e regiões adjacentes, onde teria florescido a civilização aria-persa, tendo em seguida se disseminado pela Índia.

MOJENJO-DARO E HARAPPA: AS CIDADES-FORTALEZAS

As análises apresentadas até aqui se baseavam em estudos linguísticos realizados durante o século XIX. Não havia, no entanto, informações arqueológicas que pudesse ser comparadas com essas conclusões. Não eram conhecidas construções, na Índia, que recuassem muito antes da era cristã. A situação mudou, na década de 1920, com a descoberta e exploração de duas cidades de grande antiguidade, no vale do rio Indo: Harappa e Mohenjo-Daro.

O Vale do Indo compreende a região percorrida pelo rio Indo e seus afluentes. Trata-se do rio mais importante do Paquistão, hoje em dia; pertencia anteriormente ao território da Índia. Ele nasce no planalto tibetano, próximo ao lago Mansarovar, atravessa a região de Ladakh na Caxemira e corta o Paquistão de norte a sul até desaguar no mar Arábico perto da cidade de Karachi. Juntamente com os afluentes principais (Jilum, Chenab, Rauí, Beás, Satle e o extinto Sarasvati), o Indo

forma o chamado delta do Sapta Sindhu (“Sete Rios”) na província paquistanesa de Sind.

As primeiras notícias sobre as ruínas da região do vale do Indo surgiram durante o século XIX, mas os estudos arqueológicos só começaram no século XX. No início da década de 1920, Sir John Hubert Marshall, Rai Bahadur Daya Ram Sahni e Madho Sarup Vats redescobriram e estudaram Harappa, e logo depois começou o estudo de Mohenjo-Daro por Rakhal Das Banerjee, E. J. H. MacKay e Sir John Marshall. Mohenjo-Daro está localizada às margens do rio Indo, mais precisamente no território de Sind, a cerca de 400 km da sua capital, a cidade de Karachi; e Harappa a cerca de 600 km sobre o Ravi, afluente do Indo.



Figura 1. Região do vale do rio Indo e do antigo rio Sarasvati, mostrando alguns dos sítios arqueológicos encontrados (ilustração adaptada a partir de FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 88)

Os estudos continuaram na década de 1940 com os arqueólogos Sir Mortimer Wheeler, Ahmad Hasan Dani, Brij Basi Lal, Nani Gopal Majumdar e Sir Marc Aurel Stein. Para espanto dos arqueólogos, a análise das ruínas indicou que o apogeu dessa civilização devia ser do período situado entre 2.500 ou 2.000 a.C., aproximadamente, correspondendo à Idade do Bronze (ELIADE, 2009, p. 290).

As escavações mostraram que Harappa e Mohenjo-Daro eram cidades grandes, com estrutura geométrica bem definida, e diâmetros de aproximadamente 5 km cada uma (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 63). Trata-se de duas cidades totalmente planejadas como nenhuma outra cidade do mesmo período histórico fora encontrada no mundo antes, possuindo ruas e esgotos. O núcleo de ambas as cidades é uma cidadela com aproximadamente 400 por 200 metros, construída sobre um monte artificial (FEUERSTEIN, 1998, p. 143). Em meio às ruínas foram encontrados muitos sinetes com desenhos de animais, planta e pessoas, e também com sinais que pareciam ser um tipo de escrita. Posteriormente foram encontrados pesos padronizados, provavelmente utilizados no comércio. Tudo isso mostrava que os habitantes dessas cidades tinham um alto grau de civilização.

Pelas estruturas e construções encontradas nas escavações, as duas cidades revelam um planejamento urbano extremamente desenvolvido. Considera-se que se tratava de uma civilização urbana, sustentadas pelo comércio e produção agrícola. As cidades tinham casas construídas em forma retangular, com vários cômodos, construídas com tijolos cozidos, podendo ter até três andares. Possuíam sistema de águas pluviais, sistema de drenagem e esgoto, lugares específicos para depositar o lixo, reservatórios de água, salas

de banho, celeiros, ruas principais largas e ruas secundárias mais estreitas.

Na segunda metade do século XX foram encontrados centenas de outros sítios arqueológicos na mesma região, incluindo alguns comparáveis a Mohenjo-Daro em tamanho, como os de Ganweriwala, Rakhigarhi e Dholavira, bem como outros no atual Afeganistão (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 62). Revelou-se a existência de um extrato cultural excepcionalmente homogêneo e que se estendia sobre ampla superfície geográfica – do mar Arábico ao pé do Himalaia e do limite oriental do Irã às proximidades do vale do rio Ganges, abrangendo uma superfície muito maior do que a ocupada conjuntamente (naquela época) pelas civilizações da Mesopotâmia e do Egito (*ibid.*, pp. 62, 76).

Esta civilização recebeu diferentes denominações à medida que novas descobertas e novos sítios arqueológicos iam sendo descobertos:

Dado ser no curso inferior do Indo a situação dos primeiros locais arqueológicos descobertos, designou-se “Civilização do Indo” este conjunto de estações arqueológicas pré-históricas. Mais tarde, devido à importância estratigráfica de uma dessas escavações, no Punjab Superior, empregou-se igualmente a expressão “Civilização de Harapa”. O prolongamento para oeste fez encarar a denominação de “Civilização do Beluchistão e do Indo”; as descobertas dos últimos anos levaram a considerar, em última análise, uma “Civilização do Indo e do Gujarat”. Quase todos os anos são divulgados novos locais arqueológicos dessa civilização primitiva indiana; o seu domínio de expansão devia atingir 1.500 por 1.500 km. Esta área é delimitada a norte pelo curso superior dos

rios Punjab, Ravi, Saleje, com os locais arqueológicos de Harapa e Rupa, a sul pelas escavações do Gujarat que se localizam na península de Catiavar, no golfo de Cambaia e no delta dos rios Narmada e Tapi, e a oeste pelo mar de Omã. Junto da costa, nos territórios indiano e paquistanês, até Sutkagen-dor no Beluchistão, existe uma vasta área de locais arqueológicos. (DIEZ, 1969, p. 14)

A partir de estudos posteriores, formou-se uma ideia a respeito da conexão dessa civilização com outras da mesma época, por terem sido encontrados objetos que mostravam o comércio com regiões distantes.

Há 5000 anos, como parcialmente ainda hoje, pistas de caravanas faziam a ligação através da Eurásia entre o país dos Dois Rios (Egito), o alto planalto iraniano, o Noroeste da Índia e a Ásia Central. Por esses caminhos, no período pré e proto-histórico, era transportada lápis-lazúli a célebre pedra semipreciosa, desde as minas de Badakchan, no Afeganistão Setentrional, até Mundigak, às cidades do Vale do Indo e à corte dos reis do Egito. Esses caminhos devem igualmente ter sido testemunhas da troca de mercadorias entre cidades suméricas e as zonas de habitação a que nos referimos.

Escavações muito recentes revelam-nos também a existência de uma florescente navegação costeira entre a região do Tigre-Eufrates e a do delta do Indo e da península de Catiavar. Em camadas do segundo milênio a.C., na ilha de Barém (golfo pérsico) foram encontrados exemplares da

arte sumérica com antigos selos indianos. [...] Os contatos entre estas antigas civilizações indianas são tão surpreendentes como as primeiras relações com povos vizinhos, muitas vezes afastados. Neste vasto território reinou a maior similitude em todas as produções técnicas e artísticas, pelo menos durante um milênio. É possível que Mohenjo-daro, no Indo inferior, e Harapa, aproximadamente a 600 km a nordeste, no curso médio do *Ravi*, tenham constituído os centros administrativos de uma dominação despótica. Entre as inúmeras cidades do Vale do Indo, destacam-se as duas últimas pela sua extensão, pela conjugação da cidade com poderosa fortaleza construída para defendê-la, a existência de edifícios utilitários (armazém de sementes, colônias de operários e eiras) e a conexão da cidade com os centros religiosos. (DIEZ, 1969, pp. 14-15)

A descoberta dessa civilização, antes desconhecida, trouxe importantes indagações: se os *Vedas* tinham sido compostos 1.200 a.C. e se a entrada dos arianos na Índia era aproximadamente dessa época, qual teria sido aquele povo tão desenvolvido, que havia construído essas cidades mil anos antes? Qual a relação entre essa civilização e a dos arianos?

OS ARIANOS E A CIVILIZAÇÃO DO VALE DO INDO

Desde o século XIX acreditava-se que os arianos que teriam invadido a Índia eram bárbaros, nômades, não tinham cidades e desconheciam a escrita. Essa visão contrastava fortemente com a civilização descoberta no vale do Indo. Portanto, desde o início dessas descobertas admitiu-se que

aquela civilização não poderia ter sido de arianos, e sim de algum outro povo.

Ao estudar as ruínas de Mohenjo-Daro, o arqueólogo Mortimer Wheeler localizou 38 esqueletos e utilizou esse achado como evidência de que a cidade havia sido atacada e sua população massacrada, não tendo mais sido ocupada desde então (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 78-79). Ele e outros estudiosos concluíram também que o povo invasor eram os arianos, e que os ocupantes das cidades do vale do Indo eram os *dasyus* ou *dasyus*, inimigos dos *āryas* segundo os *Vedas*. Identificaram também esses *dasyus*, moradores de Harappa e Mohenjo-Daro, com uma etnia nativa da Índia, que seriam os Dravidianos. Eles teriam sido vencidos pelos invasores porque estes tinham cavalos e carros de combate, que lhes deram superioridade nas batalhas. Mircea Eliade aceitou esse tipo de interpretação (ELIADE, 2010, p. 191) e afirmou que:

Por volta de 2000 a.C., a civilização do Indo estava em estado de defesa. Pouco tempo depois, uma parte de Harapa foi incendiada pelos invasores vindos do noroeste. Esses “bárbaros” não eram ainda os indo-europeus, mas não há dúvida de que suas invasões se relacionam com o movimento geral do oeste, onde estavam presentes os indo-europeus. Alguns séculos mais tarde este últimos puseram brutalmente fim a tudo o que restava da civilização do Indo. Até há pouco tempo acreditava-se que os indo-árias só tinham encontrado, em sua invasão à Índia, tribos aborígenes em estado etnográfico: eram os *dasyus*, cujas “fortalezas”, que segundo o *Rg-Veda Indra* atacava e destruía, não passavam de modestas trincheiras de terra. Wheeler, porém mostra que o célebre hino

do *Rg-Veda* (I, 53) exaltando *Indra* na conquista das “fortalezas” dos *dasyus* se refere antes às sólidas defesas da cidadela de Harapa ou Mohenjo-Daro. Daí podemos concluir que, em sua descida para a Índia central, os indo-árias não encontraram só tribos aborígenes, mas também os últimos sobreviventes da civilização do Indo, aos quais aplicaram o golpe de misericórdia. No plano cultural, os harapianos eram nitidamente superiores aos indo-europeus; sua civilização urbana e industrial não se comparava com a barbárie dos indo-europeus. Os harapianos não tinham entretanto vocação guerreira (supomos mesmo que constituíam uma espécie de teocracia industrial e mercantil); mal preparados para esse ataque de um povo jovem e agressivo, foram vencidos e dizimados.

Contudo, a destruição da cultura do Indo não foi definitiva. O desenvolvimento de uma civilização urbana não equivale à pura e simples extinção da cultura, mas unicamente a sua regressão para formas rurais, larvais, “populares”. (ELIADE, 2009, p. 293)

Esta visão é a mesma encontrada nas obras de Joseph Campbell e de Diez, a visão mais comum de que “os conquistadores seminômades, que irromperam pelo oeste e pelo norte, destruíram as cidades existentes, tornaram-se por sua vez, criadores de novas civilizações urbanas” (CAMPBELL, 2008, pp. 199-200; ver também DIEZ, 1969, p. 9).

Eliade, referindo-se às pesquisas de Faiservis, acredita que os harapianos descendiam dos agricultores pré-arianos do

Irã. Aparentemente, a civilização do Indo estava perfeitamente desenvolvida por volta de 2.500 a.C. (ELIADE, 2010, pp. 128-129).

Outros pesquisadores sugerem que os primeiros habitantes do vale do Indo vieram das montanhas a oeste do vale e apresentam pistas que apontam para uma ininterrupta evolução cultural, desde 6000 a.C. até o seu apogeu, tendo desaparecido em torno de 2.000 a 1.500 a.C. – com a invasão dos árias – quando inúmeras incursões de hordas guerreiras teriam invadido Mohenjo-Daro atravessando a cidade sem se deterem, “deixando os mortos insepultos nos locais em que foram abatidos” (TINOCO, 1992, p. 24). Tinoco e Eliade, entre outros autores, afirmam que as duas cidades já se encontrariam em declínio econômico e social, não sendo possível precisar com exatidão qual o povo invasor, embora apontem quase todos, por unanimidade, em função de todas as pesquisas realizadas, que fossem os arianos.

Para justificar essa interpretação, alguns autores fazem menção a informações contidas nos mais antigos textos indianos, os *Vedas*:

Os textos védicos evocam os combates contra os *dâsa* ou *dasya*, nos quais se podem reconhecer os continuadores ou sobreviventes da civilização do Indo. São descritos com a pele negra, “sem nariz”, falando língua bárbara e professando o culto do falo (*sisna deva*). Eram ricos em rebanhos e habitavam aglomerações fortificada (*pur*). Eram esses “fortes” que *Indra* – cognominado *purandara*, “destruidor de fortificações” – atacava e destruíra às centenas. Os combates ocorreram antes da composição dos hinos, pois sua lembrança está fortemente

mitologizada. (ELIADE, 2010, pp. 191-192)

Eis um outro exemplo semelhante:

Nos antigos textos da literatura indiana, os hinos do *Rigveda*, os cânticos evocam frequentemente os ataques de guerreiros-pastores imigrantes a poderosos baluartes de cidades, e as escavações de Mohenjo-Daro revelam vestígios de encarniçados combates durante os quais os habitantes sucumbiram. Talvez se trate de testemunhos arqueológicos de fatos históricos, propagados oralmente em cânticos, que os sucessores arianos confirmaram muito mais tarde por escrito. (DIEZ, 1969, p. 10)

Há evidências de que as duas cidades estavam decadentes, antes de serem despovoadas ou destruídas. Ainda se discute o que de fato teria sido a causa dessa decadência de ambas as cidades: alguns apontam para uma seca que teria durado 300 anos, outros para as contínuas enchentes; há também referência aos movimentos sísmicos e, por fim, aos invasores arianos. “De toda maneira, por volta de 1.750, a civilização do Indo estava agonizante, e os indo-arianos só lhes desfecharam o golpe de misericórdia” (ELIADE, 2010, p. 131). Eliade e outros pesquisadores afirmam que tal invasão teria se dado de modo progressivo durante vários séculos mas que no Sul do subcontinente indiano (região outrora conhecida como Saurashtra) teria sobrevivido uma cultura derivada de Harappa, transmitida pelos próprios descendentes de Harappa ou pelo povo dravidiano. Este também é um ponto onde há divergências, pois alguns consideram que a civilização de Harappa era constituída por drávidas e outros não.

AS CIDADES-FORTALEZAS E O HINDUÍSMO

Ao se discutir a relação entre a civilização do vale do Indo e o povo que compôs os *Vedas*, um aspecto importante é tentar comparar os aspectos culturais e religiosos revelados, por um lado, pelos achados arqueológicos e, pelo outro lado, na tradição védica.

A religião que, segundo os pesquisadores, permeava ou era predominante no vale do Indo (no que seria a primeira civilização urbana da Índia), vem sendo considerada como muito importante e ao mesmo tempo como fonte de controvérsias (nas posições históricas atuais). Tais pesquisadores apontam para a grande quantidade de símbolos, estatuetas e informações contidas nos sinetes e acreditam que exista uma conexão e continuidade da civilização pré-histórica do vale do Indo e o hinduísmo recente, que é diferente da tradição mais antiga dos *Vedas*.

A escrita encontrada em Harappa e Mohenjo-Daro não foi ainda decifrada (embora haja muitas tentativas mutuamente contraditórias de interpretação). Por isso, um dos dados mais importantes é a existência de grande número de estatuetas e de figuras inscritas nos sinetes encontrados nessas cidades. Há muitas estatuetas e desenhos de figuras femininas (e poucas de figuras masculinas), que parecem indicar o culto de uma deusa-mãe. Há também uma figura, repetida em alguns sinetes, de um homem com pênis proeminente sentado numa postura que parece de Yoga, com chifres na cabeça e rodeado por animais ferozes. Sugere-se que se trate de um grande deus, provavelmente um protótipo de *Shiva*. Há um grande número de cenas interpretadas como de adoração ou de sacrifício gravadas em sinetes, o uso do turbante (desconhecido nos textos védicos, atestado somente após a época dos Brahmanas), a árvore pipal, adornos nasais, pente de marfim. A uniformidade e continuidade cultural encontrada comparando-se diferentes sítios arqueológicos e diferentes níveis revela uma

civilização urbana razoavelmente adiantada, ao mesmo tempo mercantil e “teocrática” (ELIADE, 2010, pp. 128-131).

Segundo Eliade “desde sir John Marshall, os especialistas têm salientado o caráter “hinduísta” da religião harapiana”. Além dos exemplos de artefatos encontrados, citados acima – a grande deusa, um proto-Shiva em postura “iogues”, o uso do turbante – verifica-se intenso valor ritual das árvores, das serpentes e do pênis sagrado (*lingam*) e o “Grande Banho” de Mohenjo-Daro se assemelha às “piscinas” dos atuais templos hindus (ELIADE, 2010 p. 130). No entanto, o processo histórico que assegurou a transmissão de parte da herança harapiana e sua absorção pelo hinduísmo não é suficientemente conhecido.

Seja como for, segundo referências abaixo, a continuidade cultural e religiosa da civilização do vale do Indo no hinduísmo atual pode ser verificada por meio de vários elementos:

[...] o que nos interessa é sobretudo a religião: segundo sir John Marshall, ela é tão especificamente indiana que quase não se distingue do hinduísmo: [...] “Os laços entre a religião harapiana e o hinduísmo contemporâneo são de grande interesse, porque trazem algumas explicações para os múltiplos traços que não podem derivar das tradições árias introduzidas na Índia com a queda da civilização de Harapa ou depois dela. As velhas crenças dificilmente morrem; é até possível que a antiga sociedade histórica indiana deva mais a Harapa que aos invasores que falam sânscrito” (S. Piggott, *op. cit.*, p. 203). Por outro lado muitos elementos culturais próprios de Harapa e Mohenjo-Daro estão presentes na Índia contemporânea. Por exemplo, o carro de duas rodas é o mesmo

que o usado hoje no Sindh, as barcas são iguais às que se vêm atualmente vogando no Indo, a técnica da cerâmica parece idêntica à que ainda existe nas vilas do Sindh, e até mesmo a arquitetura, os ornamentos nasais, a maneira de aplicar o kohl, o pente de marfim etc. (cf. Gordon Childe, *New Light on the Most Ancient East*, London, 1935, pp. 210, 222). O uso do turbante, desconhecido nos textos védicos e presente depois nos Brāhmana, era popular em Harapa (S. Piggott, *op. cit.*, p. 269). Podemos não estar de acordo com os detalhes, mas é difícil duvidar do caráter indiano da civilização de Mohenjo-daro, quaisquer que sejam suas origens. É muito possível que os autores dessa civilização tenham tomado emprestado certas formas religiosas da população aborígine (E. Mackay, *La Civilization de l'Indus*, p. 99). Vimos a importância do elemento proto-australóide, que constituía provavelmente a camada inferior da sociedade. Esse elemento sobrevive até hoje nas tribos autóctenes do Sul da Índia (Gordon Childe, *op. cit.*, p. 208). Sem dúvida, entrou na síntese harapiana, como entrará mais tarde nas sínteses hinduístas. (ELIADE, pp. 291-293, 2009)

Muitos autores acreditam que o hinduísmo foi o resultado de uma mistura do pensamento védico dos invasores arianos com elementos religiosos não-vêdicos, existentes na cultura anterior do vale do Indo, associada ao outro povo que lá habitava (os dravidianos, como geralmente se acredita). Segundo Tinoco, os mais antigos textos védicos, “se referem a uma tradição muito antiga existente na Índia, tradição esta

formada por valores autóctones anteriores à invasão dos arianos, mesclados por outros, trazidos pelos invasores referidos” (Tinoco, 1992, p. 16).

Nos *Vedas*, as divindades importantes são masculinas (Indra, Agni, Soma e outros), Shiva não aparece (embora exista Rudra, uma divindade assustadora que pode ser um precursor de Shiva), não há uma divindade feminina proeminente, não há práticas de Yoga mencionadas nos textos, não há o culto ao falo ou *lingam*. Então, supõe-se que todos esses elementos vieram de fora da cultura ariana, ou seja, faziam parte da tradição dos drávidas do vale do Indo, sendo depois gradualmente adotados e combinados com a tradição ariana.

Eliade supõe que a arianização do Punjab é que teria dado início ao movimento de síntese que se transformou no hinduísmo, devido ao grande número de elementos comuns existentes entre os harapias e o hinduísmo. Ele acredita que isso:

[...] só pode ser explicado por um contato, iniciado muito cedo, entre os conquistadores indo europeus e os representantes da cultura do Indo. Esses representantes não eram necessariamente os autores da cultura do Indo ou seus descendentes diretos: podiam ser os tributários, por irradiação, de certas formas culturais harapias, que eles haviam conservado nas regiões periféricas, poupadas pelas primeiras ondas da arianização. Isso explicaria [...] o falismo e a dendrolatria, o ascetismo e a ioga etc., aparecem pela primeira vez na Índia como a expressão religiosa de uma avançada civilização urbana, a do Indo – enquanto a maior parte desses elementos religiosos são, na Índia medieval e moderna, características da devoção “popular”. É

certo que houve, desde a época harapiana, uma síntese entre a espiritualidade dos aborígenes e a dos “senhores”, os autores da civilização urbana. Mas deve-se presumir que não só essa síntese foi conservada, mas também a contribuição específica e quase exclusiva dos “senhores”; não se poderia explicar de outra maneira a importância considerável assumida pelos brâhmanes depois da época védica. Muito provavelmente todas essas concepções religiosas harapias – que contrastam fortemente com a dos indo-europeus – foram conservadas, à margem da sociedade e da civilização dos novos senhores ariófanos: foi daí que elas surgiram, em ondas sucessivas, durante as sínteses posteriores que resultaram na formação do hinduísmo. (ELIADE, 2009, pp. 293-294)

Em 1990 outra cidade foi encontrada, Dholavira, localizada em uma ilha perto da fronteira com o Paquistão, sendo considerada como um dos cinco sítios arqueológicos mais importantes até então encontrados. Seu período histórico estende-se de 2.900 a.C. a 1.500 a.C. A cidade foi construída adotando-se o sistema *trimeshtin*, em forma concêntrica (*veshtha* = concêntrico). O *Shulba Sutra*, manual de construção de altares do culto ao fogo, que fala também da construção de cidades, menciona as três partes que uma urbe deve ter: alta, média e baixa. A razão nas proporções da cidade é constante, sempre de 5:4. Este padrão aparece nas três partes da cidade (KUPFER, 2000, p. 96).

Dholavira possui indícios que a associam com a cultura védica e com a civilização do Indo-Sarasvati. Em 1997, o arqueólogo R. S. Bisht e sua equipe encontraram a primeira

estátua de um proto-*Shiva*, o que permite associar esta estátua aos sinetes de esteatita encontrados em Mohenjo-Daro.

Há outros sítios arqueológicos já conhecidos e que foram explorados, que são Ganweriwala, Rakhigarhi, Kalibangan, a cidade de Lothal (na península de Katiawar, perto de Ahmanabad no Gujarat), Amris (no Sind a 150 km de Mohenjo-Daro, descoberta pelo arqueólogo indiano Majumdar em 1929), Kot Diji, Chanhu Daro, entre outros assentamentos. As escavações realizadas em Lothal e em Kalibabgan revelaram a existência de altares de fogo, cujas estruturas poderiam ser associadas aos altares de fogo védico (Feuerstein, 1998, p. 143).

Albanese supõe que a civilização do vale do Indo já estava amplamente difundida em 2.600 a.C. no Sind, de acordo com o que se encontrou em Amris e em Mohenjo-Daro; que teria se tornado um grande porto fluvial naquela época e que entre 2.500 a 2.300 a.C. existira uma comunicação entre:

Chanhu Daro, nos estreitos de Amris, Harappa, junto ao rio Ravi, Kalibangan, junto ao Sarasvati, e, mais ao norte, Rugar, no sopé do himalaya. Avançando em direção ao sul e provavelmente bordejando a costa, os navegantes do vale do Indo teriam chegado à ilha de Cutch e a Kathiavar (atualmente península), onde fundaram, respectivamente, Desalpar e Lothal, no estuário do Sabarmatti, e mais adiante, na costa, o posto comercial avançado de Bhagatrav. (ALBANESE, 2006, p. 18)

Essas conclusões levam em conta as descobertas realizadas, que revelaram completa homogeneidade de características destes sítios arqueológicos que vai desde a

forma de construção das casas, sistemas de pesos e medidas, cerâmica e organização.

O RIO DESAPARECIDO: SARASVATI

Um outro elemento importante para a discussão da origem do povo e da religião indiana e que tem sido muito discutido a partir das últimas décadas do século XX é um rio que se extinguiu: o Sarasvati.

Os *Vedas* mencionam sete importantes rios existentes na região onde essa civilização se desenvolveu. Um deles, que é destacado como o maior e mais importante de todos, era chamado Sarasvati. Existem atualmente, na Índia, diversos rios com esse nome, mas eles são pequenos e não estão na região indicada pelos *Vedas*. Por isso, desde o século XIX há discussões a respeito desse antigo rio: teria mudado de nome, ou teria desaparecido por alguma mudança geológica?

Em 1886 o geólogo Charles Frederick Oldham publicou um trabalho no qual analisou tanto a tradição literária (dos *Vedas* e do *Mahabharata*) quanto os dados geológicos existentes, concluindo que o rio Sarasvati corria antigamente pela região deserta onde atualmente é o leito seco do rio Ghaggar; e que seu desaparecimento ocorreu por causa de fenômenos que levaram suas águas a serem capturadas pelos rios Sutlej e Yamuna (SANKARAN, 1999, p. 1057). Estudos realizados desde a década de 1970 e intensificados no final do século XX confirmaram a análise de Oldham através de evidências provenientes de fotografias por satélites, estudos geológicos e evidências arqueológicas.

Esses estudos indicam a seguinte história geológica para a região: Entre 14.000 e 10.000 a.C. houve grandes movimentos das placas tectônicas na região indiana e mudanças na região do Indo que produziram um clima úmido. Entre 10.000 e 7.000 a.C. aumentam as chuvas na região, houve novamente atividades tectônicas importantes e o nível

do mar se elevou. Entre 7.000 e 5.000 a.C. algumas das geleiras do Himalaia, existentes desde a última era glacial, se romperam e começaram a derreter, produzindo alguns grandes rios como Sarasvati, Shatadru, Drishadvati e outros. O fluxo dos novos rios criou uma extensa rede de drenagem no noroeste indiano. Entre 5.000 e 3.000 a.C. o clima foi se tornando menos úmido, o rio Sarasvati se reduziu, iniciando-se em 4.000 a.C. algumas áreas de aridez. Houve novamente movimentos tectônicos importantes na região noroeste, com a subida de montanhas na região de Delhi-Hardwar, e esses movimentos cortaram os afluentes do rio Drishadvati. O rio Yamuna capturou as águas superiores que antes alimentavam o Sarasvati, e se desviou para leste. Sarasvati se desviou para oeste e ficou muito reduzido, não sendo mais alimentado pelas geleiras e dependendo das chuvas para se manter. Em torno de 3.000 a.C. o rio Sarasvati já não era mais permanente, dependendo das monções e secando quando as chuvas se tornavam escassas. Entre 3.000 e 1.000 a.C. houve um progressivo aumento de aridez na região e os rios Sarasvati e Drishadvati desapareceram, deixando alguns lagos nos lugares por onde passavam (SANKARAN, 1999, pp. 1055-1056).

A maior parte do território a leste do rio Indo é ocupada pelo deserto de Thar. Estudos geológicos recentes, apoiados por fotos de satélites, mostraram que havia um grande rio, hoje desaparecido, que passava por essa região que atualmente é deserta (Feuerstein, Kak, Frawley, 2001, p. 88). Esse rio desapareceu por mudanças geológicas que desviaram suas águas para oeste.

Existem certas dúvidas sobre o curso exato seguido pelo antigo rio Sarasvati, porque há diversos leitos de rios secos na região. No entanto, aparentemente ele surgia em Bandapunch, na geleira de Saravati-Rupin em Naitwar. Descia por Adibadri, Bhavanipur e Balchapur no pé das montanhas para a planície, tomando uma direção aproximadamente sudoeste. Passava pelas planícies de Punjab, Haryana, Rajastan, Gujarat e

finalmente desaguava no mar Arábico no Rann de Kutch (SANKARAN, 1999, p. 1056).

Essa descoberta geológica esclarece informações arqueológicas obtidas na segunda metade do século XX. Muitos dos sítios arqueológicos encontrados na região do Indo estão em meio ao deserto por onde teria passado o rio Sarasvati (KUPFER, 2000, p. 99). Porém, os povos não costumam construir cidades e vilas no meio do deserto, e sim em lugares com água e vegetação. Pode-se supor, portanto, que esses povoados floresceram no período em que o rio ainda existia e a região não era ainda um deserto.

Aparentemente, essa mudança geológica ocorreu em torno do ano 2.000 a.C., coincidindo assim com o fim da civilização das cidades de Harappa e Mohenjo-Daro. A conclusão que se pode tirar disso é que as cidades não foram atacadas e destruídas por invasores, e sim que foram abandonadas porque o grande rio foi secando e a vegetação foi desaparecendo. Atualmente há um razoável consenso dos estudiosos em identificar esse rio desaparecido com Sarasvati, o grande rio descrito nos *Vedas* (por exemplo, no *Rigveda* 7.95) que descia do Himalaia até o Mar Arábico (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 88-91). Segundo Feuerstein:

O máximo limite posterior do período védico é determinado por uma grande catástrofe natural: completo esgotamento do grande rio Sarasvatî, aparentemente determinado por modificações climáticas e tectônicas ocorridas no decurso de várias centenas de anos. Parece que, por volta de 3.100 a.C., o rio Yamunâ mudou de curso e deixou de verter suas águas no Sarasvatî; tornou-se, em vez disso tributário do Ganges. Por volta de 2.300 a.C., o Sutlej, que era o maior afluente do Sarasvatî,

também passou a desaguar no Ganges. Já em 1.900 a.C., o Sarasvatî, que já tinha sido a maior corrente de água da Índia setentrional, havia secado completamente. Logo os numerosos assentamentos que se erguiam ao longo de suas margens foram abandonados e por fim foram cobertos pelas areias do grande deserto de Thar. (FEUERSTEIN, 1998, p. 102)

Esses estudos sobre o rio Sarasvati levam a uma mudança completa de interpretação da antiga história da Índia. Se, de fato, esse rio que desapareceu 2.000 anos antes da era cristã era o Sarasvatî, e se existe um grande número de referências ao rio Sarasvatî no *Rigveda*, então os *Vedas* não foram compostos em 1.200 ou 1.500 a.C. e sim muito antes dessa época, ou seja, quando o rio ainda existia (FEUERSTEIN, 1998, p. 139). Pode-se, também, concluir que a civilização que produziu os *Vedas* vivia na região que atualmente é deserta, e que os vestígios arqueológicos encontrados nessa região não são povoados destruídos durante a invasão dos arianos e sim eram lugares habitados pelos próprios *āryas*. Como alguns desses sítios arqueológicos já eram habitados 3.000 anos antes da era cristã, os *āryas* já viviam naquela região muito antes do que se imaginava.

A identificação do rio desaparecido com o Sarasvatî descrito nos *Vedas* é contestada por alguns autores, mas está ganhando cada vez mais defensores.

Feuerstein (1998) supõe que os habitantes de Harappa, Mohenjo-Daro e demais cidades que se erguiam o vale do Indo e do Sarasvatî e os arianos védicos formavam um único povo.

Até pouquíssimo tempo, a maioria dos estudiosos ocidentais e indianos tendia a enfatizar a descontinuidade como fator da evolução cultural da Índia. Afirmavam, em

particular, a ocorrência de um embate entre a civilização do Vale do Indo e a cultura “ariana” védica, que imaginavam ter-se originado fora da Índia. Entretanto, essa antiga e persistente teoria da invasão ariana tem sido resolutamente posta em cheque. Um número cada vez maior de estudiosos, tanto na Índia quanto no Ocidente, passou a encarar esse modelo histórico como uma espécie de mito científico, construído sem o apoio de provas suficientes e culpado de influenciar adversamente a compreensão que temos da história e da cultura indiana. [...] Todos os indícios nos dão a entender que os arianos, que falavam o sânscrito e compuseram os *Vedas*, não eram nômades primitivos que vieram de fora da Índia e trouxeram morte e destruição à população nativa. Antes os dados disponíveis mostram que eles eram verdadeiros filhos do solo indiano. Além disso, temos bons motivos para supor que a civilização védica, tal como se reflete no *Rig-Veda* e nos três *Samhitâs* védicos, era idêntica – em grande medida, senão completamente – à chamada civilização do Vale do Indo. (FEUERSTEIN, 1998, p. 101)

Diferentemente dessa nova abordagem sobre o rio Sarasvatî presente nas obras de Kupfer, Feuerstein, Kak e Frawley, pesquisadores como Tinoco, Eliade e Diez, nas obras consultadas, fazem a associação das transformações ocorridas no vale do Indo à invasão dos arianos.

NOVOS ACHADOS ARQUEOLÓGICOS: MEHRGARH, DVARAKA

Em 1974 o arqueólogo francês Jean-François Jarrige descobriu um novo sítio arqueológico de grande importância, na região do Beluquistão, no atual Paquistão, a oeste do vale do rio Indo. A cidade descoberta chama-se Mehrgarh. Sua área inicial, aproximadamente 7.000 anos antes da era cristã, era de uma pequena vila rural, mas sucessivos níveis de ocupação mostram o seu gradual desenvolvimento, ocupando dois quilômetros quadrados e se transformando em uma grande cidade. Esse local foi habitado até aproximadamente 2.600 a.C. A civilização de Mehrgarh é uma das mais antigas que se conhece no mundo, sendo considerada como uma precursora da civilização do vale do Indo, havendo uma aparente continuidade cultural entre elas.

A descoberta desta cidade trouxe implicações e muita controvérsia para tudo o que se supunha sobre a história da civilização do vale do Indo e da própria civilização humana antes de sua descoberta.

A época aproximada de início da ocupação de Mehrgarh (6.500 a.C.) faz parte do período denominado Neolítico, antes do uso da cerâmica. Considera-se que essa época marca a transição de um estilo de vida de coletores e caçadores nômades ou semi-nômades para a de agricultores sedentários, que se estabelecem em casas e vilas (FEUERSTEIN, KAKA, FRAWLEY, 2001, p. 144). Até a descoberta de Mehrgarh só eram conhecidos lugares semelhantes do neolítico no Oriente Médio. Essa descoberta indica que o desenvolvimento da agricultura pode ter ocorrido em mais de um local ao mesmo tempo, de modo independente.

Mehrgarh apresentava agricultura e domesticação de animais, seus habitantes foram os primeiros criadores de gado na Ásia Ocidental, cultivavam cevada, trabalhavam com metais (cobre), produziam cerâmica, e realizavam comércio com

regiões vizinhas. Estima-se que Mehrgarh abrigava em 6.000 a.C. pelo menos 25.000 indivíduos, quase a população inteira do Egito daquela época. (KUPFER, 2000, pp. 94-95).

Feuerstein estima que a cidade era um grande centro comercial, de criação e inovação, visto que no quinto milênio a.C. cultivavam o algodão, e no quarto milênio a.C. já produziam objetos cerâmicos de excelente qualidade. (FEUERSTEIN 1998, p. 102)

Desde o período mais antigo (entre 7.000 e 5.500 a.C.) o povo de Mehrgarh domesticava vacas, ovelhas e cabras e cultivava trigo e cevada. As casas eram construções retangulares de tijolos não cozidos (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 148). Pessoas eram enterradas com cestos, utensílios de pedra e osso, braceletes, contas, colares. Alguns ornamentos eram feitos de conchas, turquesa, lápis lazuli e outros materiais provenientes de grandes distâncias, o que sugere um forte contato com outros povos (*ibid.*, p. 150). Há também figuras femininas de argila crua, anteriores ao surgimento da cerâmica cozida.

Nos níveis de ocupação mais antigos de Mehrgarh não foram encontrados vestígios de cerâmica. Em etapas posteriores (a partir do Período II, 5.500 a 4.800 a.C.) aparece uma cerâmica grosseira, depois uma cerâmica vermelha brilhante e no quinto milênio a.C. essa cerâmica já aparecia com desenhos geométricos. No final desse período aparecem instrumentos de cobre. No Período III (4.800 a 3.500 a.C.) havia também desenhos detalhados de animais e a cerâmica era trabalhada em tornos (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 148). Nessa época aparecem contas de faiança e figuras humanas detalhadas de terracota, pintadas e ornamentadas.

Parece haver uma continuidade entre a civilização de Mehrgarh e a de Harappa e Mohenjo-Daro. Isso mostra um imenso desenvolvimento cultural na antiga Índia, de aproximadamente 7.000 a.C. em diante, sem rupturas

significativas (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 152). Não sabemos que idioma esses povos falavam; mas pode ser que já tivessem um idioma indo-europeu, do qual surgiu depois o sânscrito (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 155).

Há uma aparente continuidade cultural entre os achados arqueológicos de Mehrgarh e os de Harappa e Mohenjo-Daro; e também dessas civilizações com a cultura indiana posterior (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 156). “O conjunto das implicações desta descoberta está ainda por ser captado. Quando for finalmente entendido, provavelmente estaremos prontos para enxergar a História antiga e a evolução da civilização humana com novos olhos.” (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, p. 152)

Em vez de pensarem a respeito de invasões, os pesquisadores passaram a refletir sobre a antiga ocupação da região indiana e suas sucessivas transformações. A presença humana na antiga Índia remonta à era paleolítica, registrada por meio de lascas de pedra lavrada encontradas no curso do rio Soan, afluente do rio Indo, datadas de 400.000 a 200.000 anos (ALBANESE, 2006, p. 16).

Sob o ponto de vista dos registros que foram encontrados, houve na Índia um período muito antigo, caracterizado por vestígios artísticos conservados em rochas (40.000 a 8.000 a.C.), seguido por um período no qual são encontradas construções e cidades (8.000 a 1.300 a.C.) – a fase que tem sido denominada como “civilização do Indo e do Sarasvati”, por ter se desenvolvido próxima a esses dois rios (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. xvi).

Essa civilização, de acordo com os resultados das últimas escavações, estendia-se por um amplo quadrilátero irregular (ALBANESE, 2006, p. 18), cujo lado ocidental vai do golfo de Cambay, no planalto de Makran, zona fronteira entre Paquistão e Irã, e o lado oriental que tem como pontos extremos Ruar, na zona pré-montanhosa de Lahore, e

Alamgipur, a cerca de 40 km de Delhi, enquanto no ponto mais ao sul está Bhagatrav que fica a 250 quilômetros de Bombaim (Mumbai). A civilização estendia-se por uma imensa área de 750.000 km quadrados (FEUERSTEIN, 1998, p.142).

Novos achados parecem indicar que nunca houve uma destruição ou ruptura dessa civilização, mas sim sua transformação gradativa até os dias atuais. Pensava-se que, depois que as grandes cidades do vale do rio Indo foram despovoadas, não havia outras cidades semelhantes até o período histórico, ou seja, que teriam havido uma importante ruptura ou descontinuidade. Mas o período entre 2.000 e 1.000 a.C. parece ter tido uma sequência da antiga civilização.

Dwarka é uma cidade indiana no litoral do mar arábico, no golfo de Khambhat (Cambay), distrito de Gujarat. A antiga tradição indiana aponta uma cidade com esse nome fundada por Krishna aproximadamente 3.000 anos antes da era cristã, e há relatos (considerados antes como puramente mitológicos) de que a cidade havia submergido pelo mar várias vezes. Desde a década de 1980 tem havido a busca de evidências arqueológicas no mar próximo à atual cidade, tendo sido encontradas construções submersas a pequena profundidade, naquilo que é chamado de Bet Dwaraka. Lá foram obtidos exemplares de cerâmica semelhantes aos de Harappa e datados de 1.700 a 1.400 a.C. (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 159). Os vestígios encontrados associam tais achados ao período posterior ao desaparecimento das cidades do Indo, e elas apresentam muitas semelhanças com Mohenjo-Daro e Harappa, demonstrando uma continuidade da cultura (KUPFER, 2000, pp. 94-95).

A partir do ano 2000 foram feitas explorações mais afastadas (a cerca de 20 km da costa), sendo encontradas novas evidências importantes, incluindo fragmentos de cerâmica que podem ser semelhantes aos da civilização do vale do Indo. Há também outras evidências que parecem indicar a existência de uma antiga cidade, de milhares de anos antes da era cristã. Mas

esse sítio arqueológico ainda não foi bem explorado, por estar situado a profundidades de aproximadamente 40 metros, e a interpretação dos achados tem sido controvertida. Há indícios de que os movimentos geológicos que produziram a submersão dessa parte do antigo litoral indiano ocorreram em torno de 3.000 a.C.

Embora seja ainda cedo para tirar conclusões desses novos achados, percebe-se que ainda estão ocorrendo muitas descobertas arqueológicas que podem complementar ou alterar bastante o nosso conhecimento sobre as antigas civilizações da região indiana.

ARGUMENTOS CONTRA A INVASÃO ARIANA

Segundo Kupfer, “o Veda narra que *Manu*, o mítico progenitor da Humanidade, batizou com o nome *Áryavarta* a região ao sul dos Himalayas, que significa ‘moradia do povo nobre’. Os arianos estão diretamente vinculados com civilização”. Porém, vimos que alguns estudiosos não associavam os arianos com civilização, já que se supunha ser um povo nômade que vivia da pecuária, muito diferente da cultura agrícola existente e bem estabelecida no vale do Indo. Este é um dos pontos de conflito presentes em algumas abordagens dos pesquisadores. “Segundo estudiosos como Dinesh Agrawal, S. P. Gupta, David Frawley e outros, existem hoje provas irrefutáveis da presença de proto-indo-europeus na Índia desde a Antiguidade mais remota” (KUPFER, 2000, p. 92).

Os novos argumentos e teses que estão sendo atualmente discutidos implicam em uma revisão ou “nova visão” da história indiana e mundial. Para isto estão sendo utilizadas diversas evidências, tais como: análise de textos (*Vedas* e os *Puranas*), análises de fotos de satélites, e análise das descobertas realizadas nos novos sítios arqueológicos de

Mehrgarh, Dwáraka, Bet Dwáraka e Dholavira, que trouxeram novos elementos e ampliaram o panorama histórico da região.

A discussão sobre o que seria a “verdadeira” história acerca da civilização do vale do Indo, e da suposta invasão ariana se polarizou entre dois grupos. De um lado está o grupo que se opõe completamente ao modelo da “invasão ariana”, defendendo que a civilização indiana se desenvolveu ao longo de milênios dentro do próprio território, e acusando os primeiros pesquisadores europeus de eurocentristas – pois estes teriam pautado suas pesquisas de modo a menosprezar a cultura e história indiana para facilitar a colonização. Do outro lado, há arqueólogos e pesquisadores que ainda hoje defendem o modelo de um povo nativo não-ariano que foi vencido pelos arianos, mas que mudaram o termo “invasão” para “migração ariana”.

Há atualmente vários argumentos que parecem mostrar que a civilização indiana que produziu os *Vedas* não foi o resultado de uma “invasão ariana” e sim do gradual desenvolvimento de um povo que habitou aquela região durante milênios, antes da era cristã.

A tradição indiana não preservou registros claros de sua antiga história. Os relatos mais antigos estão dispersos entre lendas e descrições mitológicas. Os *Vedas* descrevem lutas e batalhas, mas não se sabe ao certo se são descrições de fatos ocorridos ou meras lendas. Os *Puranas*, textos que pelo seu próprio nome contêm uma “tradição antiga”, descrevem uma história que vai desde a criação do mundo até fatos recentes, incluindo genealogias de reis, mas não está claro até que ponto é admissível interpretar literalmente suas indicações. De acordo com o relato de alguns *Puranas*, a datação do início das genealogias reais seria em 6.676 a.C. ou 3.076 a.C. Outras tradições indianas indicam que a atual fase da humanidade (*Kali Yuga*) teria começado em 3.102 a.C. (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. xvii).

Até o final do século XIX, os estudiosos ocidentais consideravam essas datas totalmente fictícias e consideravam que a civilização indiana teria começado em torno de 1.200 ou 1.500 a.C. – a data que era atribuída aos *Vedas*, os mais antigos textos indianos (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 42-43).

No entanto, as descobertas arqueológicas exigem que se leve em conta a civilização que existiu, aparentemente de forma contínua, desde 6.000 anos (ou mais) antes da era cristã. O grupo de pesquisadores contrários à hipótese da “invasão ariana” possui argumentos que se relacionam a alguns pontos centrais, alguns que já foram expostos antes no decorrer do presente texto, mas vejamos novamente os principais, para facilitar a compreensão da controvérsia. Esses pesquisadores:

- Alegam a continuidade cultural e religiosa desde a fase do vale do Indo-Sarasvati até o hinduísmo atual;
- Apontam as escrituras (*Vedas*, *Puranas*, etc) como prova da antiguidade da tradição indiana;
- Buscam na arqueologia, principalmente pela cidade de Mehrgahr, provar a continuidade cultural desde Mehrgahr até Mohenjo-Daro, Harappa e o hinduísmo atual;
- Alegam que a cultura védica junto com o sânscrito védico se originaram na civilização do vale do Indo, não vindo de fora;
- Alegam que quase todas as mudanças ocorridas no vale estão relacionadas a mudanças geológicas e não a invasões;
- Afirmam que não existem indícios arqueológicos de qualquer invasão.

Não há, de fato, nenhuma evidência arqueológica de uma invasão na Índia. A ideia de um exército de arianos nômades provenientes do Afeganistão, trazendo cavalos e carruagens de guerra, parece totalmente inaceitável, já que carroças e

carruagens não são utilizadas por povos nômades antigos e sim por povos urbanos; e esses veículos são totalmente inadequados para atravessar as passagens das montanhas por onde, supostamente, os arianos penetraram na Índia (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 157).

Nem Harappa, nem Mohenjo-Daro, nem qualquer outra cidade da região do rio Indo mostra qualquer evidência arqueológica de invasão e destruição por violência. Por outro lado, há evidências geológicas de que um grande rio que passava pela região secou, e que isso ocorreu aproximadamente na mesma época em que a civilização do Indo entrou em decadência (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 159).

Há uma continuidade racial entre os povos do vale do Indo e a Índia atual. As escavações em Harappa levaram à descoberta de esqueletos pertencentes a membros de diversos grupos raciais, todos os quais ainda estão presentes na Índia. Não há evidência da entrada de um novo grupo étnico pelo norte da Índia na época de Harappa, nem de que os habitantes da região tenham sido expulsos para o sul da Índia pelos supostos invasores (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 158).

Todos os autores admitem que os achados arqueológicos podem ser datados de forma bastante segura, obrigando assim a rever as antigas opiniões sobre o passado da Índia. No entanto, a relação entre os dados arqueológicos e a tradição indiana (particularmente a dos *Vedas*) não é totalmente clara, estando sujeita, atualmente, a muitas controvérsias. A escrita encontrada nas cidades do Indo e do Sarasvati não foi decifrada, o que é um obstáculo enorme para a solução dos problemas. Linguistas procuram evidências a respeito do passado, comparando a evolução dos idiomas indianos com outros idiomas aparentados, na Ásia, em busca de informações a respeito de relações, migrações e de uma possível cronologia, mas os resultados também não são totalmente claros (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 55-57). Há

tentativas de utilizar informações astronômicas contidas nos textos indianos antigos para proporcionar uma datação dos mesmos, e até pesquisas genômicas recentes para procurar identificar quando os povos indianos se separaram, geneticamente, de seus vizinhos, mas esses métodos também não proporcionaram ainda resultados claros.

Todas essas discussões são importantes para a própria compreensão e avaliação do pensamento indiano mais antigo (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 22). Seriam os *Vedas* um registro do pensamento da elite sacerdotal de um povo guerreiro que invadiu a Índia, dominando e explorando o povo local? Seriam os *Vedas* primitivos e ridículos? Ou seriam textos remanescentes de um povo altamente desenvolvido, a culminação de uma longa tradição anterior?

Se o povo que compôs os *Vedas* tivesse vindo de outra região, deveríamos esperar encontrar nessas obras algum registro sobre sua proveniência. Mas nos *Vedas* e nas outras obras indianas antigas, não há qualquer informação sobre algum outro lugar de origem. A geografia, flora, fauna, clima e outras informações contidas nos *Vedas* podem ser identificadas com as do norte da Índia (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 156).

Após o abandono da região do Indo e do Sarasvati (mas provavelmente antes disso também) houve um gradual deslocamento desse povo para o nordeste indiano, ocupando a região em torno do rio Ganges. Esse deslocamento é registrado em obras indianas antigas, como o *Shatapatha Brahmana* (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 93-95, 104-105). Nos *Puranas*, o rio Sarasvati já não é mais mencionado, aparecendo em seu lugar o Ganges como o principal rio. Encontram-se no *Rigveda* 60 menções ao rio Sarasvati e uma menção apenas ao rio Ganges.

Uma das “evidências” a favor da invasão ariana era uma interpretação de alguns trechos dos *Vedas*, que aparentemente falavam sobre o conflito entre os *āryas* e os

dasyus, descritos como negros e com nariz achatado. Essa interpretação dos *Vedas* acabou por ser revista e rejeitada. A palavra sânscrita “*ārya*” não designava uma etnia, mas sim as pessoas consideradas nobres, que respeitavam a tradição religiosa; os *dasa* ou *dasyus* eram o oposto disso, ou seja, pessoas desprezíveis, que não seguiam os ensinamentos dos *Vedas* (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, pp. 110-111). Em alguns textos, os *dasyus* são considerados como pessoas que perderam o *status* de *ārya* e que podem voltar a ser *āryas* após uma purificação (*ibid.*, p. 112). Evidentemente, isso não se coaduna com uma diferença racial.

Por outro lado, a caracterização dos *dasyus* como “negros” parece ter sido simbólica, representando a oposição entre a luz e as trevas, e não uma descrição de sua pele (*ibid.*, p. 111). Por fim, a descrição dos *dasyus* como possuindo nariz achatado (uma caracterização que, aliás, não se aplica aos dravidianos) é uma interpretação equivocada do sânscrito *anasa*, que significa “sem nariz”. Os *dasyus* são também às vezes descritos como “sem pés” e “sem mãos”, e nenhum povo humano conhecido tem essas características; pode-se interpretar essas designações como uma comparação entre os *dasyus* e as serpentes, que não têm pés, nem mãos, nem nariz (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 111). Sob o ponto de vista científico, não existem as “raças” dos *āryas* e dos dravidianos. Eles são membros do mesmo ramo Mediterrâneo da raça Caucásiana. Os Dravidianos possuem pele mais escura e vivem mais próximos ao Equador. A diferença de pigmentação pode ser uma adaptação ao clima mais quente (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 140).

Outras informações contidas nos próprios *Vedas* estão sendo utilizados para mostrar a existência do comércio como parte da vida cotidiana do povo védico, como os termos: *vanijya* (comércio), *vaishya* (comerciante), *krinati* (perda, quebra). E a existência de quatorze maneiras diferentes para se referir às casas, nos *Vedas*, indica que essa civilização era

notoriamente urbana. Tratava-se de uma civilização urbana muito antiga, sendo essa evidência totalmente oposta à teoria de que o povo nômade e ariano é que seria o povo detentor da tradição védica. Há também muitas referências ao mar (*samudra*), rios (*sindhi*), barcos, navegação, movimento de comerciantes, transações em moeda, pirataria e roubo de mercadorias, empréstimos, recursos minerais, domesticação do cavalo, indústria e vida cotidiana deste povo (KUPFER, 2000, p. 93), que não deveriam aparecer se o povo que escreveu os Vedas fosse constituído por esses nômades bárbaros provenientes da Ásia central.

Está sendo realizada uma revisão da antiguidade das escrituras indianas, dos *Vedas* principalmente. Essas obras permaneceram por séculos sendo transmitidas de geração a geração de modo oral, possivelmente tendo adquirido registro material por volta de 1.500 ou 1.900 a.C. Feuerstein estima que os *Vedas* sejam de uma época muito anterior, pois avaliando as referências astronômicas existentes neles e associando estes dados à genealogia das dinastias contidas nos *Puranas* e levando em conta a lista de sábios contidas nos *Brahmanas* e *Upanishads*, estas escrituras teriam sido produzidas em torno de 3.200 a.C. (FEUERSTEIN, 1998, p. 102). Outros autores fazem os *Vedas* recuarem ainda mais. Subhash Kak afirmou que há um código astronômico na organização dos hinos do *Rigveda* e que há cálculos matemáticos precisos de solstícios e equinócios que podem ser datados de 8.500 a.C.

A linguagem dos *Vedas* é altamente sofisticada, e pode-se perceber que não se trata do produto de uma cultura primitiva e sim de um povo altamente civilizado. Isso sugere um longo desenvolvimento anterior do povo que o compôs, sendo difícil de conciliar com a ideia de uma invasão recente e de sua composição pelo povo invasor (FEUERSTEIN, KAK, FRAWLEY, 2001, p. 160).

Feuerstein é um dos pesquisadores atuais que defende a revisão do que seria a história da Índia. Diz que as batalhas do

Rigveda podem ser mitológicas, mas, se forem verdadeiras, poderiam se referir a lutas entre os próprios arianos, não sendo lutas com um povo diferente (os dravidianos) como se pensava. Aponta também para os estudiosos que verificaram a continuidade simbólica e cultural entre a civilização do Indo-Sarasvati e o hinduísmo posterior, como uma prova do desenvolvimento contínuo, caso os arianos védicos passassem a ser identificados como o próprio povo que habitava a região. E pressupõe também que ao eliminar o preconceito invasionista verificar-se-ia com mais facilidade que os indícios arqueológicos combinam com a tradição oral e escrita dos *Vedas*. Segundo ele, se todas essas informações que foram reunidas e os artefatos culturais desenterrados pelos arqueólogos fossem interpretados à luz dos *Vedas*, isso iria permitir compreender tantos os objetos quanto à produção literária, e permitiria também vislumbrar a continuidade cultural desde o neolítico, passando pela cidade de Mehrgahr (7000. a.C.) até o hinduísmo moderno (FEUERSTEIN, 1998, pp. 141-143).

Colin Renfrew (1990) afirma que um dos problemas nas pesquisas e na interpretação dada por alguns historiadores a respeito do indo-europeu, foi não realizar uma distinção clara entre a língua e a cultura. Isso teria gerado uma tremenda confusão em torno das origens linguísticas, pois embora língua e cultura andem de mãos dadas, muitas vezes um povo que fala a mesma língua possui culturas diversas; ou povos com a mesma cultura possuem línguas diferentes. “Em uma moderna nação-estado europeia, muitas vezes a língua muda ao cruzar a fronteira, e muitas vezes também muda a totalidade do modo de vida, e com ele o sistema de crenças e a religião” (RENFREW, 1990, p. 70). Associaram a língua e a cultura a um povo invasor, quando bem poderia ter sempre estado ali, ou o povo que ali estava e o suposto povo invasor poderiam possuir a mesma língua e culturas diferentes. “Pessoas com culturas muito diferentes podem falar a mesma língua e, de

outra forma, podem falar línguas distintas dentro de uma mesma área com uma forma de vida que é essencialmente a mesma” (*ibid.*, p. 71).

DÚVIDAS QUE PERMANECEM

Em 2005 os pesquisadores Edwin Bryant e Laurie Patton organizaram uma importante obra com 14 capítulos, cada um escrito por especialistas de diferentes áreas, para apresentar as principais teorias e seus argumentos (BRYANT & PATTON, 2005). Os autores apresentam pontos de vista completamente diferentes, deixando o leitor confuso sobre o que se poderia concluir. Diferentes autores, utilizando os mesmos dados arqueológicos, linguísticos ou textuais (dos *Vedas*) chegam a conclusões opostas.

Na sua introdução àquele livro, Laurie Patton (2005) comentou:

Posso terminar observando que, mesmo nestes artigos, há certo tipo de consenso emergente. Em primeiro lugar, muito poucos (se é que há algum) arqueólogos ou linguistas adotam a teoria da invasão, e assim tem sido há várias décadas. Em segundo lugar, há uma concordância geral de que no período pré-védico houve um contato prolongado entre os arianos e outras culturas, levando a importantes mudanças na vida religiosa, material e linguística que resultou no que atualmente chamamos de cultura Védica. Em terceiro lugar, se a escrita do Vale do Indo for decifrada algum dia, as teorias precisarão ser alteradas dramaticamente; e, igualmente importante, se for descoberto que o cavalo é contemporâneo à cultura do Vale do Indo, ou com a civilização sul-asiática pré-

védica, as teorias migracionistas teriam que mudar dramaticamente. Na ausência de tais descobertas, não é possível chegar a conclusões definitivas por ausência de evidências. (PATTON, 2005, p. 17)

Um exemplo dessas barreiras para chegar a conclusões definidas pode ser percebido na pesquisa de Jonathan Mark Kenoyer a respeito do período final da civilização de Harappa (KENOYER, 2005). Durante as investigações arqueológicas de Harappa foram observados motivos de decoração lá utilizados que eram idênticos a imagens centrais da cultura hindu posterior, como a cruz *svastika*, a folha da figueira sagrada (*Ficus religiosa*), mandalas com sequências de nós infinitos e representações de pessoas assentadas em postura de *Yoga*. Foram também encontradas urnas com cinzas provenientes de cremação (KENOYER, 2005, p. 21). Outros achados não tinham interpretação tão clara. Foram encontrados vestígios de fogareiros feitos de tijolos, que poderiam ser simples fogões de uso doméstico, mas que foram também interpretados como possíveis indicações de altares de fogo, da cultura védica e hindu (*ibid.*, p. 22). A partir de informações como essa, muitos autores tentam entender a relação entre a cultura do Vale do Indo (que é um fato arqueológico) e a cultura dos *Vedas* (que é um fato literário). O povo que habitou Harappa, Mohenjo-Daro e outras cidades do vale do Indo era o mesmo povo que compôs os *Vedas*? Alguns autores afirmam que sim. Seria, pelo contrário, o povo do vale do Indo anterior à chegada dos *āryas* à Índia, tendo sido destruídos por essa invasão, como se pensava antigamente? Poucos autores, atualmente, defendem essa ideia. Seria a cultura do vale do Indo independente da civilização dos *āryas*, havendo no entanto uma influência desta por aquela? Não há acordo sobre isso.

Muitos indícios são difíceis de interpretar. A civilização do vale do Indo possuía um tipo de escrita – que não foi ainda decifrada. Os *Vedas* não se referem explicitamente a canetas, à

leitura, à escrita ou a inscrições, ou a qualquer outro material associado à escrita e, por isso, alguns autores afirmam que “A presença de um sistema bem definido de escrita durante o período de Harappa claramente exclui essa cultura de ter qualquer conexão direta com a cultura védica” (KENOYER, 2005, p. 45). Porém, a situação é muito mais complicada. Sabemos que os *Vedas* eram transmitidos oralmente, até tempos recentes (MARTINS, 2011, pp. 114-120). No entanto, existe a escrita do sânscrito, na Índia, desde um período anterior à era cristã. Assim, embora os *Vedas* fossem transmitidos apenas de forma oral (e não se referissem à escrita), existia a escrita, que transmitia outros tipos de ensinamentos. Poderia ocorrer que o povo de Harappa fosse o povo dos *Vedas*, mas que a escrita fosse utilizada apenas para outras finalidades (por exemplo, para o comércio) e não para o registro dos ensinamentos sagrados. Por outro lado, o “argumento do silêncio” nunca pode ser considerado definitivo. A ausência de palavras relacionadas à escrita, nos *Vedas*, não indica que a escrita não existisse nem fosse importante.

A questão da falta de evidências arqueológicas sobre a presença dos cavalos é discutida por muitos autores (BRYANT, 2005, pp. 488-490; LAL, 2005, pp. 69-71). A importância deste ponto é a seguinte: os *Vedas* mencionam várias vezes os cavalos; então, se a civilização do vale do Indo era constituída pelo mesmo povo que compôs os *Vedas*, deveríamos esperar encontrar ossos de cavalos nesses sítios arqueológicos. Segundo alguns autores, não há evidências de cavalos no vale do Indo e, portanto, essa civilização não era a mesma dos *Vedas*. Segundo outros autores, há algumas evidências de ossos de cavalos no vale do Indo, além de imagens do cavalo, e isso mostra que essa civilização é a mesma dos *Vedas*. Segundo outros autores, os ossos encontrados não são do cavalo doméstico (*Equus caballus*) e sim de outros equídeos, difíceis de distinguir do cavalo verdadeiro. Segundo outros autores, ainda, mesmo se não

forem encontrados ossos de cavalos isso não significa nada, porque poderiam não existir em grande quantidade, sendo talvez animais raros que apenas alguns nobres possuíam, sendo por isso difícil que fossem conservados seus ossos. Por fim, mesmo se os cavalos existissem em grande quantidade, poderia ocorrer que seus ossos não fossem preservados por qualquer motivo, e a ausência de ossos não é uma prova de que eles não estavam presentes.

O problema da origem do povo indiano e de sua cultura ainda está sendo debatido de forma calorosa por pessoas que defendem sua origem interna (de dentro da própria Índia) e por outras que defendem que a Índia foi invadida por um povo proveniente de outro local. Edwin Bryant, depois de analisar os argumentos apresentados pelos dois lados, declarou que continuava agnóstico, ou seja, que considerava impossível se pronunciar a favor de algum deles (Bryant, 2005, p. 470). No entanto, muitos autores defendem fortemente uma opinião ou outra, como se ela estivesse completamente provada. Por qual motivo? Segundo Bryant, isso ocorre por causa de fatores ideológicos:

Ao mesmo tempo que permanece um problema fascinante, a discussão sobre a origem dos indo-aryas se tornou recentemente, infelizmente, cada vez mais política, emocional, polêmica e gritante, e é cada vez mais difícil para estudiosos do sul da Ásia manterem trocas cordiais sobre o assunto sem serem rotulados de “nacionalista Hindu”, “neo-colonialista ocidental”, “secularista Marxista”, ou algum outro estereótipo simplista e depreciativo. (Bryant, 2005, p. 470)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que as controvérsias acerca da história da civilização do Indo-Sarasvati estão longe de se esgotar. Ainda há muitos sítios arqueológicos para serem explorados e muitas cidades a serem descobertas. Nunca se atingiu as camadas mais profundas de Mohenjo-Daro devido ao solo pantanoso e às infiltrações de água. Na medida em que esse processo de descobrimento se realizar a história será revista muitas vezes.

Uma conclusão a que podemos chegar é que a invasão ariana de fato não aconteceu, que ocorreram muitas mudanças geológicas que desencadearam mudanças extremas na região, e conseqüentemente no povo que ali vivia.

Não há ainda respostas definitivas para uma série de questionamentos. Talvez no futuro possamos obter respostas mais fidedignas à cerca da cultura e civilização do Indo-Sarasvati que, de certo modo, mesmo após tantas outras invasões – persa, grega, muçulmana – continua viva na civilização indiana atual.

BIBLIOGRAFIA

- ALBANESE, Marilia. *Grandes civilizações do passado: Índia antiga*. Barcelona: Folio, 2006.
- BRYANT, Edwin F. Concluding remarks. Pp. 468-506, in: BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.
- BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.
- CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus: mitologia oriental*. São Paulo: Palas Athena, 2008.
- CANNON, Garland. Jones's 'Sprung from some common source': 1786-1986. Pp. 23-47, in: LAMB, Sydney M.; MITCHELL, E. Douglas (eds.). *Sprung from some common source: investigations into the prehistory of languages*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- DIEZ, Ernst; FISCHER, Klaus. *Índia*. Lisboa: Editorial Verbo, 1969.
- ELIADE, Mircea. *Yoga, imortalidade e liberdade*. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- ELIADE, Mircea. *História das crenças e das idéias religiosas. Vol. 1*. São Paulo: Zahar, 2010.
- FEUERSTEIN, Georg. *A tradição do Yoga*. São Paulo: Pensamento, 1998.
- FEUERSTEIN, Georg; KAK, Subhash; FRAWLEY, David. *In search of the cradle of civilization. New light on ancient India*. 2a edição. Wheaton: Theosophical Publishing House, 2001.
- JONES, William. The third anniversary discourse, delivered 2 February, 1786, by the President. *Asiatick researches, or, Transactions of the Society instituted in Bengal, for inquiring into the history and antiquities, the arts, sciences, and literature, of Asia*, 1: 415-431, 1801.
- KAK, Subhash. Vedic astronomy and early Indian chronology. Pp. 309-331, in: BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.

- KUPFER, Pedro. *História do Yoga*. Florianópolis: Fundação Dharma, 2000.
- LAL, Braj Basi. Aryan invasion of India: perpetuation of a myth. pp. 50-74, in: BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.
- KENOYER, Jonathan Mark. Culture change during the late Harappan period at Harappa: new insights on Vedic Aryan issues. Pp. 21-49, in: BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.
- MARTINS, Roberto de Andrade. As dificuldades de estudo do pensamento dos Vedas. Pp. 113-183, in: FERREIRA, Mário; GNERRE, Maria L. A.; POSSEBON, Fábio (orgs.). *Antologia Védica*. Edição bilingue: sânscrito e português. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011.
- MÜLLER, Friedrich Max. *Lectures on the science of language*. Delivered at the Royal Institution of Great Britain in April, May, & June 1861. London: Longmans, Green, and Co., 1866. 2 vols.
- PATTON, Laurie L. Introduction. Pp. 1-18, in: BRYANT, Edwin F.; PATTON, Laurie L. (eds.). *The Indo-Aryan controversy. Evidence and inference in Indian history*. London: Routledge, 2005.
- QUILES, Carlos; LÓPEZ-MENCHERO, Fernando. *A grammar of modern Indo-European*. 3a edição. Badajoz: Indo-European Language Association, 2011.
- RENFREW, Colin. *Arqueología y lenguaje: la cuestión de los orígenes Indoeuropeos*. Barcelona: Crítica, 2003.
- SANKARAN, A. V. Saraswati – the ancient river lost in the desert. *Current Science*, 77 (8): 1054-1060, 1999.
- TINOCO, Carlos Alberto. *O pensamento védico*. São Paulo: Ibrasa, 1992.